

ATIVIDADES CULTURAIS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Juliana de Jesus Pinheiro Peres

julianaj.pinheiro@hotmail.com

Luiza Silva Moreira

lmluizamoreira@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de atuação que introduz a cultura indígena nas aulas de educação física. Esta temática se torna relevante por contemplar a Lei no 11.645/2008, que estabelece a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, no âmbito de todo o currículo escolar" (BRASIL, 2008). Organizamos as atividades culturais indígenas para turmas de terceiro ao quinto ano do ensino fundamental, destacando brincadeiras e jogos de matriz indígena.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura Indígena; Jogos Indígenas; Educação Física Escolar

INTRODUÇÃO

Quando os europeus chegaram às Américas, classificaram e denominaram todos os habitantes encontrados nesse novo continente como 'índios' ou 'indígenas'. A denominação imposta pelos colonizadores aos colonizados fez com que os diferentes povos, com suas etnias identificadas por outras denominações, costumes e culturas próprias, fossem reduzidos a um único grupo, sendo este apresentado como culturalmente inferior. Ainda podemos encontrar no imaginário social brasileiro esta percepção de relação de superioridade colonizadora, como nos aponta o primeiro índio mestre em antropologia social no Brasil.

Para muitos brasileiros brancos, a denominação tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances (BANIWA, 2006, p.30).



Baniwa (2006) nos conta que a partir de movimentos indígenas organizados desde a década de 1970 no Brasil, este entendimento pejorativo do termo 'índio' foi necessariamente resignificado e hoje é entendido como identidade multiétnica de todos os povos nativos do continente. "De pejorativo passou a uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É neste sentido que hoje todos os índios se tratam como 'parentes'¹" (BANIWA, 2006, P.31).

Por tanto, esse processo de resignificação da palavra "índio" é parte fundamental do conteúdo "cultura indígena" a ser trabalhada em nossa sociedade e, mais especificamente, integrado no currículo escolar. A diversidade de línguas e culturas existentes nos diversos grupos indígenas brasileiros e no restante do mundo são conteúdos que atualmente ganharam notoriedade, a partir da criação de dispositivos legais que corroboram para a inclusão desta temática no âmbito escolar.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF), assegura aos povos originários o direito de manter a sua alteridade cultural e institui, como dever do Estado, a tarefa de proteger estes grupos. Estamos chamando de povos originários, os primeiros habitantes territoriais, e, especificamente indígena, denominação imposta pelos colonizadores aos povos originários ocupantes do continente americano. Na tentativa de difundir e valorizar a contribuição desses povos originários nas áreas social, econômica e política para a formação da nação brasileira, foi sancionada a Lei nº 11.645/2008, modificada a partir da Lei nº 10.639/2003. Esta nova lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, sendo ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras" (BRASIL, 2008).

Segundo Borniotto (2016), apesar da existência desta lei, há uma ausência de políticas efetivas para a formação dos professores, bem como ausência de recursos didáticos para o trabalho dos professores nesta temática. Rosa (2012) indica que apesar dos esforços dos professores na realização do trabalho pedagógico sobre cultura indígena, muitas vezes, este trabalho é realizado erroneamente, atribuindo aos índios papel caricato. Essa distorção resulta num sentimento de cultura nacional através da supressão das diferenças de raça, etnia, crença e língua, apresentando o indígena como selvagem, atrasado, ingênuo e congelado no tempo, em narrativas muito generalizantes, que demonstram visões estereotipadas.

Esses dois entraves nos indicam a dificuldade do trabalho com uma temática que deveria ser mais popularmente difundida em nossas escolas e estimulada na formação de professores. Isto se deve ao fato de que a criação de uma legislação, garantindo a aplicação de um conteúdo representativo, como é a cultura indígena e africana, não é o suficiente para sua aplicabilidade. Outro documento que intenciona o trabalho de atividades culturais indígenas na educação básica brasileira é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ao longo do documento observamos referências que indicam o papel da escola no desenvolvimento de formação cultural, social e artística. No componente curricular de Educação Física, a BNCC apresenta três unidades temáticas que contemplam atividades de matriz indígena e africana: Brincadeiras e Jogos, Dança e Lutas.

A partir desta demanda, gerada por dispositivos legais e documentos normativos, este trabalho lança novos olhares para a temática de atividades culturais indígenas como um conteúdo fundamental para ser desenvolvido pela educação física escolar. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de atuação que introduz a cultura indígena como conteúdo para as aulas de educação física. Entendemos que desta forma fortalecemos o papel da escola na formação de cidadãos críticos, capazes de refletir sobre a realidade e nela atuarem, valorizando a vida, a cultura e os estudos como ferramentas do desenvolvimento individual e coletivo.

Utilizamos Almeida (2011), Pinto e Grando (2009), Fassheber (2010), Grando (2010) para o trabalho específico de atividades culturais indígenas. Esses autores nos auxiliaram indicando regras, materiais e formas de atuação dos professores para aplicabilidade nas aulas de educação física. Esta revisão de literatura nos permitiu realizar um levantamento das atividades voltadas para a cultura indígena e contribuiu para compreendermos os princípios básicos para a sua valorização.



¹ Parentes: forma de tratamento entre os indígenas de diferentes etnias.



Organizamos nossa proposta de trabalho para turmas de terceiro a quinto ano do ensino fundamental. A escolha por esta faixa etária foi baseada na BNCC, que indica atividades culturais indígenas como objetos de conhecimento, dentro de três unidades temáticas, sendo elas: Brincadeiras e Jogos, Lutas e Danças. Para este estudo, escolhemos a unidade temática Brincadeiras e Jogos para desenvolver nossa proposta, por se tratar de uma unidade na qual podemos iniciar a partir de conhecimentos prévios dos alunos.

Optamos por desenvolver a proposta de trabalho de brincadeiras de matriz indígena que permitem a produção e confecção de materiais, são elas: peteca, bola de gude, arco e flecha, peão e zarabatana. A peteca pode ser feita com pano, jornal ou palha de milho. A bola de gude de argila ou barro (como é tradicional entre muitas tribos indígenas brasileiras). O arco e a flecha podem ser confeccionados com vareta de bambu, cabide e até papel. O peão com tampinha de garrafa e prego, garrafa pet ou vara de bambu e cabaça (comum em algumas tribos brasileiras). Já para fazer zarabatana podemos utilizar cano de PVC ou bambu.

Embora essas brincadeiras sejam familiares aos alunos e professores, elas não são contextualizadas no universo da cultura de matriz indígena. Assim como qualquer outra prática corporal, as brincadeiras também são resultado de produção cultural do movimento e saber identificar e estabelecer essa relação é fundamental na prática docente. Entendemos que ao introduzirmos esse conteúdo, devemos ressignificar essas brincadeiras, atribuindo a origem e novas possibilidades de utilização.

Pensando nisso, indicamos iniciar a temática com a peteca. A peteca pode ser iniciada com a técnica do manuseio, jogo tradicional em duplas ou grupos e posteriormente no jogo Peikrân, original do povo kayapó. Com a bola de gude, podem ser apresentadas as formas que até hoje são apresentadas nas diferentes regiões do Brasil e posteriormente utilizar o material para um jogo de tabuleiro tradicional do povo Bororó, o Adugo. O peão e a zarabatana indicamos apresentar aos alunos como é jogado pelos indígenas e as diferentes formas de utilização já conhecida, reforçando a ideia de ancestralidade e cultura.

Para trabalho com arco e flecha, indicamos que o professor converse com os alunos para diagnosticar o conhecimento que os alunos tem em relação a este material. O professor deve contextualiza que o arco e a flecha, apesar de ser atualmente uma prática tradicional esportiva, ele é usado por muitos povos indígenas como arma na atualidade. Em seguida, indicamos ressignificar a brincadeira arco e flecha mostrando as formas que diferentes tribos utilizam, por exemplo: no Kaipy (tradicional do povo Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê do sul do Pará), os atletas miram o arco e flecha no caule da folha da planta buriti, fixada bem perto do chão; o Ywa Ywa (povo Yawalapti) tem por regra um grupo de crianças lançar um aro circular feito de fibra de buriti que rola no chão enquanto outro grupo tenta atingir este aro. Há também outras formas do arco e flecha nas diferentes tribos indígenas, que podem ser feitas por duas equipes como é o caso da Jawari (tradicional dos povos indígenas habitantes do Alto Xingu) e da Kagót (tradicional dos povos Xikrin e Kayapó do Pará).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou contemplar um conteúdo que busca resgatar as origens culturais de muitas brincadeiras que conhecemos e ensinamos, mas que estabelecem uma relação com os povos indígenas. Embora haja uma legislação e dispositivos normativas que fundamentam e estimulam o trabalho da cultura africana, afro-brasileira e indígena no âmbito escolar, ainda há muito desafios para a efetividade deste conteúdo na prática docente. No caso específico da educação física escolar, esse conteúdo nos permite inúmeras possibilidades de desenvolvimento de atividades culturais e nos ajuda a compreender a sua relação com as brincadeiras e jogos que conhecemos hoje.

É de suma importância que os professores tenham a clareza da importância de transformar a cultura exclusivamente esportivizante encontrada nas escolas, transcendendo para uma educação mais plural e multicultural. Acreditamos que seja possível, através do aqui exposto, seguir uma proposta pedagógica efetiva para a inclusão de conteúdos mais plurais, não só em relação a cultura indígena, mas para o trabalho com a maior possibilidade de culturas possíveis. Assim teremos uma educação verdadeiramente voltada para a formação integral do ser humano, papel fundamental de toda escola.



INDIGENOUS CULTURAL ACTIVITIES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This paper aims to present a proposal of action that introduces the indigenous culture in the classes of physical education. This theme becomes relevant because it contemplates law 11.645/2008, which establishes the inclusion of the theme "Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture, within the scope of the entire school curriculum" (BRASIL, 2008). We organized the indigenous cultural activities for groups from third to fifth year of elementary school, highlighting games and games of indigenous source.

KEYWORDS: *Indigenous Culture; Indigenous Games; School Physical Education.*

ACTIVIDADES CULTURALES INDÍGENAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta de actuación que introduce la cultura indígena en las clases de educación física. Esta temática se vuelve relevante por contemplar la Ley no 11.645/2008, que establece la inclusión de la temática "Historia y Cultura Afro-Brasileña e Indígena, en el ámbito de todo el currículo escolar" (BRASIL, 2008). Organizamos las actividades culturales indígenas para grupos de tercer a quinto año de la enseñanza fundamental, destacando juegos y juegos de matriz indígena.

PALABRAS CLAVES: *Cultura Indígena; Juegos Indígenas; Educación Física Escolar.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. M. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 59-74, dez. 2010.
- BANIWA, G.. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- BORNIOTTO, M. L. S. A Lei Federal no 11.645/2008 e as pesquisas sobre formação e atuação de professores no período de 2008 a 2014..In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. Curitiba. *Anais do Congresso: ANPED Sul*, 2016.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- _____. *Lei nº11.645 de 10 de março de 2008*. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno- esporte indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaiingang*. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.
- GRANDO, B. S. (Org.). *Jogos e Cultura indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- PINTO, L. M. S. M. *Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas*. Cuiabá: Central de Texto, 2009.
- ROSA, M. S. B. *As representações dos indígenas no livro didático de história do ensino fundamental I (1o ao 5o ano) do ensino público de campo grande*. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado) – Curso em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

